

“Mulheres, indígenas e crianças: cisão e configuração do Outro na ficção de Elena Garro”.

Profa. Dra. Regina Lúcia Pontieri (USP)

...

Resumo:

A tensão vivida pelo indivíduo cindido numa cultura cindida e excludente é tema que atravessa a obra da mexicana Elena Garro. Nela ganha dimensão literária o dilaceramento biográfico e Cultural vivido pela escritora – enquanto filha de pai espanhol e mãe mexicana; e enquanto cidadã de um país dividido entre tradição azteca e modernidade européia. Esta comunicação pretende abordar algumas das mais recorrentes figuras da Alteridade decorrentes das experiências de cisão e exclusão encenadas na ficção de Garro. Trata-se de uma ficção povoada por muitas das formas do Outro que a cultura européia produziu, a partir da descoberta do Novo Mundo, conforme o estudo de Todorov já clássico sobre o assunto. Em Garro, a alteridade tem, sobretudo, feições femininas. Assim, se nela aparecem também indígenas e crianças, tais perfis com frequência ganham concretude pelo viés feminino: mulheres indígenas e meninas. Através da análise do processo de caracterização dessas personagens, serão enfocados outros aspectos fundamentais, entre eles, a escolha do fantástico-maravilhoso como modo mimético de base.

Palavras-chave: Alteridade, ficção, literatura mexicana, Elena Garro.

A escritora mexicana Elena Garro fez da alteridade um tema freqüente em sua obra, publicada a partir de 1958, com o aparecimento do volume de peças de teatro intitulado *Un hogar sólido*. Nascida em 1916 na cidade de Puebla e morta em 1998, Garro deu à literatura mexicana uma importante contribuição, ao refletir sobre a questão da cisão constitutiva do México moderno, dividido entre a tradição azteca e a cultura européia do colonizador espanhol. O conjunto dos escritos da autora é bastante variado, incluindo peças de teatro, romances, contos, artigos de jornal, memórias, ensaios e roteiros cinematográficos.

Para estudar a questão da alteridade como processo de cisão, destaco, desse conjunto, o volume intitulado *La semana de colores*, publicado em 1964 e composto de 13 contos¹. A escolha se deve não só a que aí a questão da alteridade comparece de maneira exemplar, como a que essa é a meu ver uma das melhores realizações estéticas de Garro. Todos os contos abordam situações de violência, medo, marginalização ou exclusão e em muitos tal situação envolve crianças e indígenas, principalmente do sexo feminino, aos quais se reservam, no caso dos indígenas, funções tidas socialmente como inferiores, sobretudo o serviço doméstico.

Dentre esses treze contos, seis dizem respeito às experiências infantis de duas irmãs, Leli e Eva, que não só são personagens centrais mas também narradoras ou o ponto de vista a partir do qual se constrói o relato. Esclareço que a dimensão fortemente autobiográfica dos escritos de Garro, em geral, aqui tem presença marcante. Leli, a principal narradora, é claro *alter-ego* da própria Elena, nome do qual aquele é diminutivo afetivo. Eva é imagem da irmã mais velha de Elena, Devaki. No conto “El duende” aparece também outra irmã cujo nome, que desta vez vem com

¹) *La semana de colores* está incluída no primeiro volume das *Obras Reunidas* de Elena Garro (ver bibliografia).

sobrenome, é transposição sem alterações do da irmã mais nova de Elena, Estrella Garro. Centrarei meus comentários nesses contos, que encenam situações de violência e opressão originando processos de configuração do eu cindido, diante de um outro que é tanto objeto de desejo como de medo. Tais contos são também importantes por destacarem o difícil aprendizado infantil do mundo dos adultos, mundo percebido como lugar de origem da violência enquanto constitutiva de uma vida que caminha inexoravelmente para a morte.

O conto “Antes da guerra de Tróia” tem como núcleo narrativo justamente o processo infantil de tomada de consciência de si como um “eu” isolado do “outro”, processo que se origina na ruptura da unidade primitiva em que “eu” e “outro” ainda são um só. Significativamente, a ruptura se dá a partir da leitura da *Ilíada*, ou seja, no momento de entrada na cultura letrada europeia. Leli narra as consequências dessa leitura, para ela e sua irmã. Ambas haviam subtraído o livro às escondidas da mãe, que o lia também às escondidas. As meninas, até então umbilicalmente unidas, dividem-se pela primeira vez em campos opostos, já que uma defende Heitor, a outra, Aquiles. A separação significará também a perda da intimidade com o mundo e o afastamento entre consciência e corpo. A frase que inicia o conto se refere ao tempo primeiro, antes da perda da inocência, tempo paradisíaco da inconsciência e da unidade, mas visto já a partir da ruptura, simbolizada pela guerra:

“Antes de la Guerra de Troya los días se tocaban con la punta de los dedos y yo los caminaba con facilidad. El cielo era tangible. Nada escapaba de mi mano y yo formaba parte de este mundo. Eva y yo éramos una. – Tengo hambre, decía Eva. Y las dos comíamos el mismo puré, dormíamos a la misma hora y teníamos un sueño idéntico” (GARRO, 2006, p. 81).²

Antes da ruptura, o mundo do qual Leli se sente parte difere daquele que lhe é transmitido pela cultura livresca europeia dos pais, que impõem às filhas essa cultura, quando lhes dizem: “*Lean, tengan virtud*” (GARRO, 2006, p. 83) ³. Na integridade da experiência infantil, ainda distanciada das regras dos adultos, brota com força a paisagem mexicana, ganhando destaque o clima, o relevo, a flora e a fauna locais:

“Por las noches oía bajar al viento del Cañon de la Mano. Se abría paso por las crestas de piedra de la sierra, soplabla caliente sobre las crestas de las iguanas, bajaba al pueblo, asustaba a los coyotes, entraba en los corrales, quemaba las flores rojas de las jacarandas y quebraba los papayos del jardín” (GARRO, 2006, p. 81).⁴

Destaca-se também a convivência, marcante para Leli e Eva, com os empregados domésticos indígenas capazes de apreender a realidade de modo tão concreto e íntegro como na experiência infantil. Sobre o vento assustador que sopra à noite, diz a empregada Candelaria ao outro empregado, Rutilio, enquanto serve comida às meninas:

“- Viento perverso, hay que amarrarle los pelos a una roca para que nos deje silencios!”

²) “Antes da Guerra de Tróia os dias se tocavam com a ponta dos dedos e eu os caminhava com facilidade. O céu era tangível. Nada escapava de minha mão e eu formava parte deste mundo. Eva e eu éramos uma. – Tenho fome, dizia Eva. E as duas comíamos o mesmo purê, dormíamos na mesma hora e tínhamos um sonho idêntico”.

³) “Leiam, tenham virtude”.

⁴) “À noite, ouvia baixar o vento do Cañon de La Mano. Abria passagem pelas cristas de pedra da serra, soprava quente sobre as cristas das iguanas, baixava no vilarejo, assustava os coiotes, entrava nos currais, queimava as flores vermelhas dos jacarandás e quebrava os mamoeiros do jardim”.

- *Es la cólera caliente de las locas – agregaba Rutilio.*

- *Por eso digo que hay que clavarle las greñas a las rocas y ahí que aülle*". (GARRO, 2006, p. 81) ⁵

A cólera operará a passagem do universo pleno da mexicanidade para a cultura européia paterna. Primeiro, é a cólera do vento dando origem à de Candelária, mas num momento anterior à cisão: "*Era mucha la cólera de Candelaria. Nosotras nos movíamos intactas en su voz...*" (p. 81) ⁶. A separação só se estabelecerá a partir da cólera materna, ao verificar que lhe haviam tirado o exemplar da Ilíada, onde as meninas lerão a cólera decisiva, que as submergirá na cultura européia: "*Canta, oh Musa, la cólera del pélida Aquiles!*" (GARRO, 2006, p. 84) ⁷. Aí se inicia, para Leli, a cisão:

"Sin darnos cuenta, los días empezaron a separarse los unos de los otros. Después, los días se separaron de las noches; luego el viento se apartó del Cañon de la Mano, y sopló extranjero sobre los árboles, el cielo se alejó del jardín y nos encontramos en un mundo dividido y peligroso" (GARRO, 2006, p. 84) ⁸.

Ao escolher Heitor, colocando-se contra Eva, que preferira Aquiles, Leli descobre a solidão: "*Y con Héctor empecé a conocer el mundo a solas*" (GARRO, 2006, p.85) ⁹, diz ela. E descobre também no amor o meio desesperado de cumular a falta resultante da cisão:

"Perdíamos cuerpo y el mundo había perdido cuerpo. Por eso nos amábamos, con el amor desesperado de los fantasmas. Y no había solución. Antes de la Guerra de Troya fuimos dos en una, no amábamos, sólo estábamos, sin saber bien a bien en dónde. Héctor y Aquiles no nos guardaron compañía. Sólo nos dejaron solas, rondando, rondándonos, sin tocarnos, ni tocar nada nunca más. También ellos giraban en el reino de las Sombras sin poder acostumbrarse a su condición de almas en pena". (p. 86) ¹⁰

Em "Antes de la Guerra de Troya" o substrato autóctone da cultura do México moderno tem presença bastante restrita, uma vez que o núcleo narrativo gira em torno do primeiro e determinante contato das meninas com a cultura européia. Aquele substrato pode ser visto, principalmente, pelo modo concreto de apreensão da realidade, tal como mostra o citado diálogo entre os dois empregados. Em outro conto do livro, intitulado "La semana de colores", a cultura autóctone estará no centro mesmo do relato. De novo, a história tem como personagens principais Leli e Eva; de novo, comparece o pai; e de novo, os empregados Rutílio e Candelária. Aliás, o conto começa com uma conversa, ouvida pelas meninas, entre Candelária e Tefa, outra empregada. Diz Candelária: " –

⁵) "– Vento perverso, é preciso lhe amarrar os cabelos numa rocha para que nos deixe silêncios! – É a cólera quente das loucas – acrescentava Rutílio. – Por isso digo que é preciso cravar-lhe as grenhas nas rochas e aí que urre".

⁶) "Era muita a cólera de Candelária. Nós nos movíamos intactas em sua voz..."

⁷) "Canta, oh Musa, a cólera do pélida Aquiles".

⁸) "Sem que nos déssemos conta, os dias começaram a se separar uns dos outros. Depois, os dias se separaram das noites; em seguida o vento se afastou do Cañon de La Mano, e soprou estrangeiro sobre as árvores, o céu se distanciou do jardim e nos encontramos num mundo dividido e perigoso".

⁹) "E com Heitor comecei a conhecer o mundo sozinha".

¹⁰) "Perdíamos corpo e o mundo tinha perdido corpo. Por isso nos amávamos, com o amor desesperado dos fantasmas. E não havia solução. Antes da Guerra de Tróia fomos duas em uma, não amávamos, só estávamos, sem saber muito bem onde. Heitor e Aquiles não nos fizeram companhia. Só nos deixaram sozinhas, rondando, rondando-nos, sem nos tocar, nem tocar nada nunca mais. Também eles giravam no Reino das Sombras sem poder se acostumar com sua condição de almas penadas".

Don Flor le pegó al Domingo hasta sacarle sangre y el Viernes también salió morado en la golpiza” (GARRO, 2006, p. 63) ¹¹.

Querendo entender melhor a afirmação de Candelária, Eva lhe pergunta o que ela havia dito e recebe como resposta uma evasiva: “ – *Nada que deban oír tus orejas de mocosa*”¹² (GARRO, 2006, p. 63). Adiante se esclarecerá que esse Don Flor é um indígena tido como bruxo, que não é procurado pela população local, apenas por forasteiros que lhe pedem algum feitiço. Ou seja, a indígena Candelária, que acredita no poder do bruxo de transformar em seres humanos os dias da semana e surrá-los, não quer entretanto compartilhar sua crença com as filhas dos patrões. Ao contrário, quando vê que as meninas haviam se aproximado da casa do bruxo, faz-lhes ameaças, dizendo que elas se dariam mal por procurar alguém que não é católico.

De modo semelhante ao que faz Don Flor, as meninas, em suas brincadeiras, não só materializam os dias da semana como alteram completamente sua ordem, indo assim contra a lógica paterna. Num certo momento, tendo o pai informado a Eva que aquele dia era um domingo, a menina contesta, dizendo que não era verdade, embora estivesse registrado no calendário. O pai então afirma que se o calendário dizia isso, era porque assim devia ser. Acrescenta que há uma ordem e que os dias devem obedecer a essa ordem. E é justamente a ordem paterna, na qual não crêem, que as meninas desobedecerão, ao decidirem perguntar ao bruxo em que dia estavam. Significativamente, ao tomarem tal decisão, percebem com preocupação que, de seu retrato, as estava ouvindo Felipe II, rei de Espanha no século XVI. Como se, recusando a lógica paterna, recusassem também a tradição espanhola transplantada para terras mexicanas.

As meninas logo se dão conta de que a lógica do bruxo em nada se assemelha àquela que faz dos dias da semana uma divisão abstrata de uma experiência temporal também abstrata. A própria morada do bruxo é já a materialização da circularidade do tempo: uma casa redonda, com um pátio no centro. Cada um dos quartos da construção circular abriga um dia da semana, que nada mais é do que uma das concubinas do bruxo. A sua é uma realidade pintada com os traços fortíssimos da paisagem solar mexicana. Por isso, enquanto cada uma de suas mulheres-dias se veste de uma cor e adorna as negras tranças de indígena com uma flor de cor idêntica, o bruxo, encarnação mesma do tempo-cor, veste-se de branco, a cor síntese de todas as cores. No caminho até a casa do bruxo é esse colorido, destacando os elementos próprios da paisagem local, o que mais chama a atenção:

“ Se escaparon rumbo a la colina de los girasoles.[...] Un viento rojo hacía bajar as las nubes rojizas hasta tocar las puntas de los girasoles. De las flores llovía un polvo amarillo y Don Flor estaba solo, tumbado en el patio de su casa. [...] Pero la tarde roja giró alrededor de ellas y continuaron sentadas en la tierra ardiente...” (GARRO, 2006, p. 66) ¹³.

À forte sensualidade cromática da paisagem corresponde uma relação fortemente sexualizada entre o bruxo e suas mulheres. Mostrando às meninas os quartos das concubinas, Don Flor lhes explica suas peculiaridades e o correspondente tratamento que dá a cada uma. Na porta do quarto onde mora a quinta-feira, por exemplo, as meninas vêem escritos seu vício e sua virtude: cólera e modéstia. De portas e paredes alaranjadas, o quarto tem a mesma cor da flor de nopal (um tipo de cacto) com que as tranças negras da quinta-feira são enfeitadas pelo bruxo. Este assim explica sua relação com essa mulher:

¹¹) “Don Flor bateu no Domingo até tirar sangue e a Quinta-Feira também saiu roxa da surra”.

¹²) “Nada que devam ouvir tuas orelhas de enxerida”.

¹³) “Escaparam rumbo à colina dos girassóis.[...] Um vento vermelho fazia baixar as nuvens avermelhadas até tocar as pontas dos girassóis. Das flores chovia um pó amarelo e Don Flor estava só, caído no pátio de sua casa.[...] Mas a tarde vermelha girou ao redor delas e continuaram sentadas na terra ardente...”

“Aquí vive Jueves. Las otras le tiemblan. Yo ya se lo tengo dicho: ‘Mujer, acabarás en el infierno, convertida en lengua de fuego’, pero no se corrige. Cuando la chicoteo, se me viene encima como gato. Creen? Con ella me paso muchas noches y días seguiditos. Da muchos placeres, muchos placeres. Pero nada más a mí! Nunca conoció a otro hombre. Yo la agarré muy tiernita”. (GARRO, 2006, p. 70)¹⁴.

Com todas as concubinas, a relação de Don Flor é um misto de sexualidade e violência exacerbadas. As surras que ele lhes dá tanto têm a ver com o desejo de castigar-lhes os vícios, como com o serviço de feiticeiro, que ele presta aos que procuram suas artes mágicas para castigar inimigos. Por isso, depois de apresentar às meninas todas as concubinas, dando-lhes descrição detalhada da violência com que se serve delas e as surra, o bruxo insiste em que Leli e Eva lhe digam qual dos dias da semana querem ver espancado. A frase é insistentemente repetida: “ - Díganme, niñas, cuál es el día que quieren ver en sangre?” (GARRO, 2006, p.73)¹⁵.

Antes da visita ao bruxo, as meninas admiravam de longe a casa onde o conjunto dos dias formava um belo arco-íris. Invejavam as tranças negras indígenas que Don Flor realçava enfeitando com flores. “*Lástima que no tengamos trenzas negras*” (GARRO, 2006, p.65)¹⁶, lamentavam. Ao tomar contato direto com ele entretanto, começam a avultar as diferenças que os separam. Primeiro porque enquanto elas observam nele “*las orejas cubiertas por cabellos negros*” (GARRO, 2006, p.66)¹⁷, ele as chama de “*las güeritas*”, utilizando-se de um adjetivo, *güero*, que no México significa, ao mesmo tempo e não por acaso, “loiro” e “gracioso”. Em seguida, reforçando o que os distingue, o bruxo lhes diz, olhando-as nos olhos: “ - *Hay mucha agua , mucha agua en sus ojos. [...] Entre ustedes y yo hay toda el agua del mundo*” (GARRO, 2006, p.67)¹⁸, em alusão ao oceano que separa as duas culturas ali confrontadas. Na seqüência dos relatos de luxúria e violência do bruxo, cada vez mais ressaltam os traços repugnantes e amedrontadores: o cheiro de sua túnica provoca náuseas, suas gargalhadas revelam o hálito de álcool, sua roupa está suja e os dedos emporcalhados. A insistência dele em que lhe digam que dia querem ver espancado até sangrar será confrontada pelas meninas com o que seu pai lhes explicara, a saber, “*que los días eran blancos y que la única semana era la Semana Santa: Domingo de Ramos, Lunes Santo, Martes Santo [...] Viernes de Dolores, Sábado de Gloria y Domingo de Resurrección*” . (GARRO, 2006, p.73)¹⁹.

No dia seguinte, já de volta a casa, as meninas choram, ainda com medo, quando o empregado, Rutílio, pergunta se estão seguras de terem visitado Don Flor. Diante da confirmação, ele lhes diz que o bruxo tinha sido encontrado morto em sua casa e que, segundo diziam, morrera há vários dias. Diziam também que as mulheres o haviam assassinado, já que a Semana tinha desaparecido.

Assim se vê que neste caso também, como em “Antes de la Guerra de Troya”, o aprendizado da natureza da alteridade – que aqui toma as feições do Outro de cultura - é processo basicamente violento, por isso aparentado à violência maior da morte. As pequenas leitoras da Ilíada, ao adentrarem a cultura européia dos pais, entram ao mesmo tempo no mundo bélico que obriga a fazer escolhas excludentes – Heitor ou Aquiles. Escolhendo, inscrevem-se fatalmente no tempo que, de modo inexorável, arrasta a todos, junto com os heróis gregos, para o Reino das Sombras. Mas

¹⁴) “ Aquí vive a Quinta-Feira. As outras tremem de medo dela. E eu já lhe disse: ‘ Mulher, acabarás no inferno, convertida em língua de fogo’, mas não se corrige. Quando a chicoteio, vem para cima de mim como um gato. Acredita-tam? Com ela passo muitas noites e dias seguidos. Dá muitos prazeres, muitos prazeres. Mas só para mim! Nunca conheceu outro homem. Eu a peguei muito novinha”.

¹⁵) “ Digam-me, menininhas, qual é o dia que querem ver em sangue?”

¹⁶) “Pena que não temos tranças negras”.

¹⁷) “as orelhas cobertas por cabelos negros”.

¹⁸) “Há muita água, muita água em seus olhos. [...] Entre vocês e eu há toda a água do mundo”.

¹⁹) “que os dias eram brancos e que a única semana era a Semana Santa: Domingo de Ramos, Segunda-Feira Santa, Terça-Feira Santa[...] Sexta-Feira da Paixão, Sábado de Aleluia e Domingo de Ressurreição”.

não é melhor a sorte dos vivos na cultura autóctone mexicana. Don Flor lhes explica, tentando justificar seu comportamento com as mulheres, que

“todo está en desorden: los colores, los pecados, las virtudes y los Días. Estamos en el desorden, por eso yo chicoteo a los Días...[...] las gentes de la ciudad de México vienen acá a buscar consuelo para sus penas. Me llegan acobardados y yo les enseño el desorden de los días y el desorden del hombre”. (GARRO, 2006, p. 72)²⁰

Portanto, seja na “ordem” paterna ou na “desordem” indígena, tornar-se um Eu é aprender a ser Outro, o que é, também e necessariamente, inscrever-se no tempo da violência mortal.

Justamente essa natureza temporal do humano, submetido à inexorável marcha em direção à morte, será o tema principal de outro conto, intitulado *“Nuestras vidas son los ríos”*. Leli e Eva observam no jornal as últimas fotografias do general Rueda Quijano, tiradas nos minutos anteriores a sua morte no paredão de fuzilamento. As fotos registram em seqüência as pequenas frações de tempo que reconstituem os minutos finais do general. De início, os momentos em que ele exibe ainda sua vitalidade: *“balanceaba los brazos al caminar, iba con desgano, iba aburrido y los miraba con risa...[...] Indolente, apoyado sobre una pierna y en la mano un cigarrillo, miró al mundo como un gato antes de desperezarse”*²¹. Depois, seu último gesto irônico de rebeldia contra o governo títere de estrangeiros, que o assassina – *“El general fuma ...luego, sonriente, levanta la mano y se despide: Good bye”*²². O minuto fatal do tiro: *“El brazo del teniente sosteniendo la pistola junto a la sien del general en el momento de darle el tiro de gracia”*. E no final, *“su cabeza dormida sobre la tierra, con un agujerito cerca de la frente por el que salía un hilo negro...”* (GARRO, 2006, p.147)²³.

Entretanto, o conjunto das fotos fornece uma visão simultânea dos acontecimentos sucessivos daquela morte. Vão, assim, contra a lógica da seqüência e petrificam o processo, fraturando-o em vários estilhaços. Tal fratura reaparece na superposição de tempos que caracteriza a conjunção entre o olhar das meninas sobre as fotos e a morte do general, como conteúdo que essas fotos paralisam: o tempo da vida que se inicia é bruscamente interceptado para se lançar sobre um tempo terminal. A presença de um narrador exterior aos acontecimentos, embora muito próximo do ponto de vista de Leli e Eva, como que triangula a estrutura temporal aumentando-lhe a profundidade. Depois de sabermos que o general morria com vinte e sete anos, ficamos sabendo também que *“en aquellos días las niñas ignoraban que tener veintisiete años era ser muy joven. Sin embargo, el general, alto y despreocupado, que caminaba con desgano hacia su muerte, las dejó transidas”* (GARRO, 2006, p. 147)²⁴. O modo descontínuo, fraturado e imobilizado como as meninas percebem a morte do general através das fotos se refratará na percepção do ambiente circundante, ele também árido, seco e imóvel. Sobre as lajotas do corredor, o jornal *“estava amarillento y seco”* (GARRO, 2006, p. 148)²⁵. Nele, *“el general seguía tirado sobre la tierra seca [...] Su garganta inmóvil seguía fusilada en la hoja reseca de papel, y el pelo lo tenía quieto adentro de la tinta inmóvil”* (GARRO, 2006,

²⁰) “ tudo está em desordem: as cores, os pecados, as virtudes e os Dias. Estamos em desordem, e por isso eu chicoteio os Dias...[...] as pessoas da cidade do México vêm aqui buscando consolo para suas penas. Chegam acovardadas e eu lhes mostro a desordem dos dias e a desordem do homem”.

²¹) “ balançava os braços ao caminhar, ia apático, ia sem vontade e olhava para eles rindo...[...] Indolente, apoiado sobre uma perna e com um cigarro na mão, olhou para o mundo como um gato antes de se espreguiçar”.

²²) “ O general fuma...depois, sorridente, levanta a mão e se despede: adeus”.

²³) “ O braço do tenente segurando a pistola junto à têmpora do general no momento de lhe dar o tiro de graça...[...] sua cabeça adormecida sobre a terra, com um buraco perto da testa por onde saía um fio negro”.

²⁴) “naqueles dias as meninas ignoravam que ter vinte e sete anos era ser muito jovem. No entanto, o general, alto e despreocupado, que caminhava sem vontade em direção a sua morte, deixou-as angustiadas”.

²⁵) “ estava amarelado e seco”.

p.149)²⁶. Até mesmo o rio que Leli, saindo de sua casa, divisa ao longe “*corría sin agua, seco, como el periódico tirado en el corredor de su casa*” (GARRO, 2006, p. 150)²⁷.

A tentativa de compreender a natureza temporal da vida como processo culminando na morte vai ocupar os jogos infantis das irmãs. Primeiro, exploram as palavras que designam o tempo irreversível, tão difícil de apreender concretamente. Olhando para a foto, conversam sobre o morto:

“ – *Ya nunca se va a levantar – dijo Eva señalando la tierra del periódico. – Nunca. – Nunca de los nuncas – insistió Eva. [...] El gobierno lo mató.[...] Lo mató para siempre. [...] En el periódico el general seguía tirado sobre la tierra seca. [...] Los soldados silenciosos lo miraban; ninguna mañana, ninguna tarde, volverían a oír su voz, ni a mirar sus pasos, lo habían fusilado para siempre*”. (GARRO, 2006, p.149)²⁸.

Numa nova tentativa, tratam de experimentar concretamente essa morte em seu próprio e também mortal corpo, imitando o corpo morto: [Eva] “*puso la cara sobre el periódico y se quedo quieta. Leli la imitó. Quietas las dos sobre el general quieto. La casa estaba tan quieta como ellas, se diría que el gobierno la había fusilado*”. (GARRO, 2006, p. 149)²⁹

Ainda imbuída do desejo de identificação com o morto, Leli se separa da irmã, para acompanhar Ceferino, o empregado de seu tio, que a chamava para jantar em sua casa. No caminho, o diálogo entre os dois enfatiza aquele desejo de identificação, ao mesmo tempo que reafirma sua impossibilidade. A menina diz a Ceferino que “*el gobierno es muy matón*”³⁰. Concordando, ele responde: “ – *Sí, fusila a todos los mexicanos*”³¹. Ela então manifesta sua vontade de ser como o morto:

“ – *Yo también soy mexicano – dijo Leli, que en ese momento caminaba como el general mexicano...[...] Ceferino la miró con burla. – Mexicano?... Eres niña y tan güera. Tu eres española. Le dolieron las palabras de Ceferino: no quería que fuera mexicano*”. (GARRO, 2006, pp. 149/150)³²

Na casa do tio, de novo a morte será o tema central das preocupações. Também pensando no general, o tio mais se afunda na dor causada pela morte recente de sua esposa. Assim, Leli se vê na fronteira entre várias outridades: sendo criança, deve enfrentar os crimes dos adultos; sendo espanhola, deve viver entre mexicanos; sendo viva, deve aprender a morrer. Graças ao tio, entretanto, esse aprendizado ganhará nova e decisiva dimensão: imbuído do desejo de também morrer para se reunir à esposa, ele recita à sobrinha os versos do poeta espanhol Jorge Manrique, que dizem:

“*Nuestras vidas son los ríos*

²⁶) “ o general continuava jogado sobre a terra seca [...] Sua garganta imóvel continuava fuzilada na folha ressecada de papel, e estava com o cabelo quieto dentro da tinta imóvel”.

²⁷) “corria sem água, seco, como o jornal jogado no corredor de sua casa”.

²⁸) “Nunca mais vai se levantar – disse Eva mostrando a terra do jornal. – Nunca. – Nunca dos nuncas – insistiu Eva. [...] O governo o matou. [...] Matou-o para sempre. [...] No jornal o general continuava jogado sobre a terra seca. [...] Os soldados silenciosos olhavam para ele; nenhuma manhã, nenhuma tarde voltariam a ouvir sua voz, nem a olhar seus passos, tinham-no fuzilado para sempre”.

²⁹) “pôs a cara sobre o jornal e ficou quieta. Leli imitou-a. Quietas as duas sobre o general quieto. A casa estava tão quieta como elas, se diria que o governo a tinha fuzilado”.

³⁰) “o governo é muito matão”.

³¹) “Sim, fuzila todos os mexicanos”.

³²) “ Eu também sou mexicano – disse Leli, que nesse momento caminhava como o general mexicano...[...] Ceferino olhou para ela zombeteiro. – Mexicano?... Você é menina e tão loira. Você é espanhola. Doeram-lhe as palavras de Ceferino: não queria que fosse mexicano”.

que van a dar a la mar

que es el morir.” (GARRO, 2006, p. 152)³³

A partir daí, o tempo árido, petrificado e paralisado das fotos começa a se dissolver e a se mover, graças à palavra vivificadora do poeta. Manrique dá a chave do enigma: a vida é um rio; e a morte, o mar. Uma apenas consequência da outra, ambas feitas da mesma matéria, ambas puro fluir. Por isso, *“las palabras de Manrique, dichas en voz alta, disolvieron la quietud que inmovilizaba la casa, e hicieron que de pronto la noche empezara a navegar por un cauce amplio y caudaloso”*. (GARRO, 2006, p. 152)³⁴ Ainda assim, para Leli é difícil aceitar a violência com que o rio do general é subitamente interrompido pelas balas assassinas. Então, pergunta ao tio se *“los rios de los generales tienen rápidos”* (GARRO, 2006, p. 153)³⁵. A resposta positiva leva-a a perguntar sobre seu próprio rio. O tio lhe diz que ele também tem *“rápidos”*, mas acrescenta que todos os rios se unem, ao final, no mesmo mar. E é essa perspectiva de reunião de todos na morte que reconcilia Leli com a morte de Rueda Quijano e com a sua própria:

“Leli supo que allí en el mar todos éramos el mismo, y que nunca más el general Rueda Quijano iría solo...[...] El lugar al que lo habían llevado las balas de los máuseres era el mismo a que se dirigía su río de rápidos violentos: un mar azul de soles amarillos. Desde ese resplandor, el general la miraba acercarse”. (GARRO, 2006, p. 154)³⁶

Assim configurado nos contos analisados, o Outro para Elena Garro só é acessível pela violência. De todas as formas de que se reveste, só a Alteridade absoluta da morte é solução. Enquanto isso, a vida oferece ao menos o grande consolo da Arte.

Referência Bibliográfica

Obras Reunidas de Elena Garro. México, Fondo de Cultura Económica, 2006, introd. Lucía Melgar.

Autor

Regina PONTIERI, (Profa. Dra.)

Universidade de São Paulo (USP)

Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

E-mail: relupo@uol.com.br.

³³) “Nossas vidas são os rios / que vão dar no mar / que é o morrer...”

³⁴) “as palavras de Manrique, ditas em voz alta, dissolveram a quietude que imobilizava a casa e em seguida fizeram que a casa começasse a navegar por um leito amplo e caudaloso”.

³⁵) “os rios dos generais têm quedas violentas

³⁶) “Leli soube que lá no mar todos éramos o mesmo, e que nunca mais o general Rueda Quijano iria sozinho...[...] O lugar para onde o haviam levado as balas dos máuseres era o mesmo para o qual se dirigia seu rio de quedas violentas: um mar azul de sóis amarelos. Desse resplendor, o general a via se aproximando”.